

Do paraíso ao fratricídio: Caim e Abel formam uma metáfora sobre a violência (Gn 4,1-26)

Introdução

Depois de ser expulso do paraíso, criado por Deus, o homem se encontra diante do fenômeno da morte. Nos meandros deste fratricídio bíblico esconde-se um jogo de interesses entre grupos rivais. Pastores e agricultores se degladiam na saga pelo poder.

A narrativa bíblica não esconde que, uma vez fora dos desígnios de Deus, o homem tornar-se-á capaz de derramar a sangue do próprio irmão sobre a terra por ele cultivada (v. 8) e, após o assassinato, desprezar a pergunta do Criador: *"onde está teu irmão?"* (v. 9).

O projeto de Deus de o homem viver no Jardim do Édem, na mais plena sintonia com a natureza, com os animais e com os seres humanos, é desprezado. Da prática do bem, para o conhecimento e prática do mal; da vivência do amor, para o reinado da "ira" (v 5) A violência chega ao ponto de o homem não se sentir responsável nem mesmo pela vida do próprio irmão. *"Por acaso sou eu o guarda de meu irmão"* (v, 10).

Três descendências perpassam o texto. O documento Javista¹ alinhou diferentes narrativas históricas com o intuito de demonstrar o grau de progresso da civilização, sua divisão de trabalho (v. 17,20,21,22), dentro de uma sociedade marcada pela violência.

I - A estrutura literária:

Salta aos olhos as três genealogias presentes no texto. Esta forma literária foi composta em torno dos personagens Caim e Abel (Gn 4,1-16), a descendência de Caim (Gn 4, 17-24) e uma terceira genealogia, indicando a substituição do irmão Abel assassinado garantida a Set (Gn 4,25-26). Na apresentação das genealogias visualizamos o texto da seguinte forma:

- Gn 4,1-2: temos a primeira genealogia apresentando os irmãos, Caim e Abel. O primeiro trabalha como *"cultivador do solo"* e o segundo, *"pastor de ovelhas"*.

- Gn 4,17: nesta genealogia, Caim é visto na base das cinco gerações e inserido na origem das cidades, onde atuam as mais diferentes profissões:

construtores de cidades, artesãos de tendas, pastores, tocadores de lira, charamela e laminadores em cobre e ferro (vv. 17,20,21,22).

- Gn 4, 25: trata-se da genealogia apresentada em substituição a Abel. Desta geração, após o nascimento de Set, aparecerá a origem da invocação do nome do Senhor. "*O primeiro a invocar a nome do Senhor*" (v. 26).

Para a maioria dos exegetas Gn 4 possibilita uma leitura do período da pré-história de Israel. Na rivalidade entre Caim e Abel, temos a possibilidade de analisar uma evolução do processo da divisão do trabalho entre os pastores e os agricultores. Percebemos o sentido teológico e o antropológico presentes na origem das cidades e profissões representadas pelos personagens presentes na narrativa. Realidades envolvidas pela concepção da existência do mal, do pecado, na trama histórica.

II - O encontro do homem com a violência.

a) Gn 4,1-16

Na primeira narrativa histórica (vv 1-16), percebemos a existência de um conflito. A tensão ocorre entre dois "irmãos", palavra que surge 7 vezes ao longo do texto. Entre eles registra-se a origem do conflito: o sacrifício de Caim não agradara ao Senhor (v. 5). A superação da preferência entre os sacrifícios ocorre com a eliminação, a assassinato, do rival Abel (v. 8), ocasionando a expulsão de Caim do "solo fértil", longe de seu clã e entregue à própria sorte.

1 - Sacrifício: liberdade que agrada a Deus

No seio familiar de irmandade - grau de parentesco mais próximo - ocorre o primeiro crime, resultando na entrada da morte e da violência no mundo e nas relações sociais. As oferendas "*produtos do solo*" (v. 3), "*as primícias e a gordura do rebanho*" (v. 4), mencionados no episódio, supõem um culto organizado, considerando os tipos de oferendas apresentados ao Senhor (v. 3).

Caim oferece os "*produtos da terra*" (v. 3) e Abel, as "*primícias e a gordura do seu rebanho*" (v. 4). A prática das oferendas tinha como finalidade expressar a comunhão com a divindade. Ao Senhor era reservado o melhor. (Lv 3.16).

À primeira vista, parece ser Deus injusto, pois ambos apresentaram ofertas, mas a preferência recai sobre Abel. Estaria sendo Deus injusto pela preferência? Não sabemos bem qual o motivo da preferência de Deus, resultado omitido na narrativa⁴. Nota-se apenas que a preferência por Abel provocou a ira de Caim contra a livre escolha do Criador e, conseqüentemente, essa ira incontida será transmitida ao irmão Abel. Na opinião de Schwantes a oferta de Abel “expressa fartura. Pois as ofertas são manifestações da realidade da vida. Caim não traz mais, porque de fato pouco lhe sobrou depois de pagar os tributos as taxas, os impostos e os empréstimos. Sobrou-lhe o usual. Abel nada pagou ao templo, ao exército e ao Estado. Tem fartura em sua liberdade” (SCHWANTES, 1989, 89).

2 - Ira: raiz do desejo de vingança

Caim surge como personagem principal. Seu nome, citado 13 vezes na narrativa, liga-se ao clã dos Quenitas. Um clã que, embora não tenha ligação direta com as doze tribos de Israel, será, por sua vez, portador e defensor do nome do Senhor (Js 15,57). Por outro lado, Abel, liga-se ao “*sopro, fumaça*”, algo sem muito valor.

No confronto entre os “irmãos”, acompanhamos o conflito entre os agricultores da terra e os pastores. A busca da superação deste conflito irá determinar a quem pertencerá o campo, as terras que oferecem a base de alimentação e o poder

No pecado do homem, a ira assume um papel importante e justificador das ações de Caim (v. 5-6). Esta sua cólera contra Deus justificará sua conduta assassina. Percebe-se que as três perguntas feitas pelo Senhor não encontram eco por parte de Caim (v. 6-7):

"Por que estás irritado e porque teu rosto está abatido?"

"Se estivesses bem disposto, não te levantarias a cabeça?"

"Mas se não estás bem disposto não jaz o pecado à porta, como animal acuado que te espreita; podes acaso dominá-lo?"

Perguntas essas que mostram a interjeição de Deus à consciência de Caim dominada pela “ira”, chegando a mudar seu comportamento. O silêncio predominante revela o grau da *raiva* incontrolável, semelhante a um “*animal acuado*” pronto para atacar.

A resposta de Caim virá por seus gestos. A sós (v 2), ele se encontra com Abel. Longe dos habitantes da casa ou de uma vila se “lançou contra seu irmão Abel e o

matou" (v 8). Somente após ter matado seu irmão, Caim responderá a Deus sobre o paradeiro dele, mostrando-se desinteressado pelo destino e sorte do irmão, merecendo, assim, a sentença por parte de Deus de não mais se beneficiar dos bens do solo fértil.

Oportuno observar a dinâmica e a uniformidade à narrativa:

v 6 - Deus percebe a irritação no rosto de Caim.

v 8 - Caim lançou-se sobre seu *irmão* Abel e o matou.

v. 9 - Deus pergunta "onde está teu *irmão*?".

v. 9 - Caim se declara não ser "guarda do *irmão*".

v 10- Deus ouve o "sangue do *irmão*".

Diante da sentença, Caim passa a residir em terra improdutiva. O "solo fértil" passa à qualidade de terra improdutiva, diante do sangue do irmão derramado.

3- O pecado: marca de Caim fugitivo

Em decorrência de seu "grande pecado". Caim será expulso do "solo fértil" e, uma vez longe de seu clã, está à mercê de qualquer perigo. Corre o risco de ser assassinado. Seu futuro é incerto. Tem uma vida insegura, sem garantia de vida, devido à violência cometida.

O texto não esconde essa consciência de Caim frente a sentença recebida da parte do Senhor e ressalta a fragilidade de sua conduta e de uma cultura baseada na violência. Sem asilo nem proteção, sua vida está em perigo (v. 14).

Mas Deus é fiel ao seu projeto. Não criou o homem para que este reproduza o sistema de violência. Semelhante a Gn 3,21, ele vem em auxílio à sua criatura, abrandando sua pena e colocando em Caim "um sinal" (v. 15). Tal sinal, conhecido como tatuagem, identificará Caim como participante de um clã, em que a morte de sangue é vingada sete vezes.

b) - Gn 4, 17-24

Mesmo não fazendo parte das Doze Tribos de Israel, os quenitas passaram a usar e a defender o nome do Deus de Israel. Assim, alguns estudos mostram que "grupos de

beduínos e nômades partilham da história do Povo de Deus desde o deserto do Sinai, mas não fazem parte do Povo eleito, nem de sua herança” (Gorgulho, 1990, 78).

Em torno de Caim, raiz da palavra Quenitas, (Gn 15,19), encontramos cinco gerações indicadas nos versículos 17-24. A narrativa, ao nomear os descendentes de Caim, aponta o surgimento das cidades e profissões. Salvo a semelhança entre os nomes, Gn 4,17-23, apresenta Caim vivendo em uma realidade contrária a sentença decretada em Gn 4, 14. Caim não vive como “*um errante fugitivo sobre a terra*”, mas como homem sedentário e construtor de cidades (v. 17). Possivelmente estamos diante de uma outra narrativa, desta vez, apresentando Caim como homem sedentário e construtor de cidades (v. 17). Os nomes surgem ligados a um estilo de vida na pré-história de Israel. Possivelmente, tais profissões apontem para a conhecimento, no Israel antigo, da vida urbana e do trabalho com a pecuária e com a agricultura.

Caim aparece ligado a um modelo de vida da cidade (v. 17). A cidade surge como uma instância centralizadora do poder político e concentrador de renda. Os nomes de sua descendência fazem alusão ao surgimento de uma vida mais sedentária, menos nômade, instalada em torno da cidade. Vejamos:

Henoc - inauguração, dedicação);

Irad (v. 18) evoca o nome da cidade famosa de *Erîdu*, localizada ao sudoeste de Ur (Gn 5,15-20);

Maviael – (E l / Deus que faz viver);

Matusael (Homem de Deus), nome próximo ao ambiente assírio.

Os descendentes de Lamec (v. 19) se identificam aos nomes figurados designando o surgimento de diferentes profissões:

Jabel (condutor), iniciador do trabalho de pastorear ovelhas.

Jubal (carneiro), indicando a profissão de tocador de trompete feito com os chifres dos carneiros e utilizados nos ritos religiosos.

O terceiro filho, decorrente da poligamia de Lamec foi Tubalcaim - **Tubal**, país conhecido na arqueologia palestinese, na época do bronze médio, por volta de 1200 a.C, pela manufatura progressiva do ferro -, Caim “forjador, ferreiro”.

Ao nome de Noema (Amável, Graciosa), o texto omite qualquer atribuição profissional. Todavia, o conhecimento destes nomes favorece uma "representação

popular das origens da civilização”.

Os versículos 23 e 24 ressaltam a atitude e o discurso de Lamec dito às suas concubinas Ada (Adorno) e Sela (Proteção, sombra).

O motivo da crescente onda de conflitos está numa geração erigida no sistema da violência. A frase “*Eu matei.*” (v. 23) inaugura um canto de vingança e, ao mesmo tempo, ilustra o sistema de violência predominante no mundo. Nenhum adversário poderá deter Lamec, devido à sua ferocidade. “*Eu matei um homem por uma ferida, uma criança por uma confusão*” (v. 23) A lei do talião, mais tarde, propiciará gradativamente a diminuição do sistema de violência (Ex. 21,23-25).

c) Gn 4,25-26

A narrativa retorna à descendência do homem, desta vez, nomeado pela primeira vez Adão, omitindo o nome de sua mulher “Eva”. Possivelmente, o redator final procurou garantir ao homem Adão uma “outra descendência no lugar de Abel, que Caim matou” (v. 26). Do filho de Set, literalmente entendido como “uma outra descendência”, saíra a estirpe de Enós, terno poético atribuído ao ser humano (Jr 20,10), que estará relacionado aos Patriarcas de Israel.

Será essa genealogia, inaugurada em substituição a Abel, responsável, pela primeira vez, por nomear a existência de Deus. A “invocação do nome”, faz referência a um termo técnico, pelo qual se designa certa atribuição da divindade. “A mente humana conhecia muitos deuses e muitos senhores, a invocação do nome divino é imprescindível para o culto. Com a invocação, um determinado deus é chamado pelo nome dentre o círculo das diversas divindades” (Homburg, 1984, 159).

A novidade em Gn 4, surgida em torno da nomeação de Deus, não se encontra ligada à estrutura da cidade-estado representada por Caim e Lamec; ao contrário, une-se à descendência de Abel, de sua fragilidade, antecipando a atribuição do nome de Deus apresentada em Ex. 3,14. Possivelmente a essas tribos seminômades, arraçadas ao agreste e distante do modelo de concentração do poder, teve origem o culto prestado pelos descendentes de Abel.

Palavra final

Não é em vão que o autor javista reuniu tradições, costurando-as com a finalidade de dar um sentido único a Gn 4. Por meio das genealogias nota-se que há um processo de

civilização que se desenvolve ao longo das narrativas, passando pelas relações do trabalho - pastoreio e agricultura - presentes no rito religioso exposto pela prática dos sacrifícios no sistema de violência representado por Caim e Lamec e, por último, na nomeação de Deus. O texto forma uma unidade. Tal unidade começa e termina com o nome do Senhor (v. 1. 26). As genealogias oferecem certo formato ao texto contendo informes sociais, antropológicos e teológicos. O desfecho final da humanidade não reside na vivência do sistema de violência, pois, apesar dele, a transmissão do nome do Senhor às futuras gerações é garantida.

Bibliografia:

PURY, Albert de (Org.). *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. Petrópolis, Vozes, 2002.

SKA, Jean-Louis. *O Canteiro do Pentateuco: problemas de composição e de interpretação aspectos literários e teológicos*. São Paulo, Paulinas, 2016.

SCHWANTES, Milton. *Projetos de Esperança: meditações sobre Gênesis 1-11*. CEBI, Petrópolis, 1989.

Antonio Carlos Frizzo

Rua Paraná, 232 – Vila Augusta- Guarulhos – SP

acfrizzo@uol.com.br